



PENGUIN



CLÁSSICOS

FRANZ KAFKA

JOSEFINE, A CANTORA
OU O POVO DOS RATOS
E OUTROS CONTOS



FRANZ KAFKA nasceu em Praga, no seio de uma família judia de classe média, em 1883. Formado em Direito, empregou-se numa companhia de seguros, trabalho que afirmava detestar, mas que lhe permitia subsistir e dedicar-se à escrita. Em vida, viu apenas sete livros seus publicados, entre os quais *A Metamorfose*, em 1915. Em 1917, é-lhe diagnosticada a doença que viria a vitimá-lo em 1924: tuberculose. Kafka legou os direitos autorais da sua obra ao amigo Max Brod, com instruções explícitas para que todos os seus escritos fossem queimados após a sua morte. Max Brod ignorou esta ordem e, entre 1925 e 1935, dá ao prelo a obra completa de Franz Kafka, onde se incluem alguns dos romances e contos mais influentes de toda a literatura do século xx, como os famosos (e póstumos) *O Castelo* (1926), cujo enredo obscuro explora os temas da alienação, frustração e arbitrariedade, e o desconcertante *O Processo* (1925), que narra a história absurda de um homem que é julgado sem que personagem ou leitor alguma vez conheçam as acusações que lhe são imputadas.

ISABEL CASTRO SILVA nasceu em 1977, em Lisboa, cidade onde sempre viveu, salvo dois anos em Macau. Licenciou-se em Literatura Portuguesa e Alemã na FLUL e tem o curso de Piano do IGL. Trabalhou desde sempre com livros, como revisora, tradutora literária e editora. Em 2015, fundou a editora Ítaca e a chancela infantil Jacareca. De Kafka traduziu também *Carta ao Pai*, *O Castelo*, *A Metamorfose*, *Os Filhos* e os *Diários*.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	vii
Josefine, a Cantora ou O Povo dos Ratos e Outros Contos	1
A Construção da Muralha da China	3
Um Incidente Trivial	19
Chacais e Árabes	23
Onze Filhos	31
Relato para Uma Academia	39
Um Cruzamento	53
Prometeu	57
O Abutre	61
O Escudo da Cidade	65
Primeira Mágoa	69
Um Artista da Fome	75
Josefine, a Cantora ou O Povo dos Ratos	89

INTRODUÇÃO

Fazer casa nos livros

No final de 1916, Kafka começou a trabalhar numa casa que Ottla, a irmã mais nova, arrendara. Era uma casa minúscula, incrustada na muralha do castelo de Praga e situada na Alchemistengasse, a Rua dos Alquimistas. O nome é apropriado, se pensarmos que Kafka viveu aí um frenesim criativo e experimental: escreveu parábolas, fábulas, relatórios, listas, monólogos, diálogos, histórias na primeira pessoa, histórias na terceira pessoa e vários textos com que encheu os chamados cadernos azuis *in-octavo*. É desses cadernos que provêm os contos «Chacais e Árabes», «Onze Filhos», «Um Cruzamento», «Relato para Uma Academia» e «A Construção da Muralha da China», entre outros.

Esse experimentalismo estava longe de outro que nascia pela mesma altura: o do surrealismo. Não há nele nada que se pareça com a escrita automática, não há neologismos nem imitações do discurso oral, não há solecismos deliberados nem cascatas de travessões e pontos de exclamação. Numa comparação eloquente, Hannah Arendt caracterizou nos seguintes termos a linguagem de Kafka: «O alemão de Kafka está para a pluralidade infinita de todos os estilos linguísticos possíveis como a água está para a pluralidade infinita de todas as bebidas possíveis.»¹

Uma outra autora, Cynthia Ozick, também ela judia, sublinha esta mesma simplicidade, essencialidade e depuração, e aduz-lhe uma comparação reveladora. Segundo ela, a linguagem de Kafka

«tem a pureza quase platônica de uma linguagem não invadida por modas nem pelo calão nem pela rua [...]. A poesia hebraica escrita pelos judeus de Espanha na Idade Média era igualmente imaculada: a sua capital não era Toledo, mas a Bíblia. Do mesmo modo, a capital linguística de Kafka não era a cidade germanófona de Praga, nas margens do Império, mas a própria literatura europeia»². Podemos deduzir que, para Ozick, esta pureza quase platônica que a poesia hebraica medieval e a escrita de Kafka têm em comum resulta da necessidade de fazer casa nos livros, mais do que em nações.

O momento histórico em que Kafka conhece o seu frenesim criador é bem prova disso, pois, quando abandonou os diários para começar a escrever nos cadernos *in-octavo*, a Grande Guerra devastava o mundo. Praga estava sob regime militar, a comida era racionada, as filas de pessoas esfomeadas eram longas e, naquele Inverno muito rigoroso, em que também o carvão escasseava, Kafka chegou a queimar manuscritos para se aquecer. Além disso, Franz Joseph I, o imperador em honra do qual Kafka fora nomeado à nascença, morrera a 21 de Novembro de 1916, não muito depois de ter desencadeado a guerra, com o seu ultimato à Sérvia. Segundo o biógrafo Reiner Stach e outros autores, esta morte foi o mote para a criação do conto «A Construção da Muralha da China», que se refere explicitamente a um império muito distante no tempo e no espaço, mas com afinidades óbvias com o Império Austro-Húngaro, que então desmoronava. Em cenário de catástrofe total, o homem que, em tempos de paz, entrava em pânico se uma carta tardava em chegar ou que desesperava se alguém tossia no quarto ao lado, impedindo-o de dormir, encontrava um novo propósito e firmeza.

A força cognitiva de um mestre de xadrez

A este tipo de linguagem corresponde um certo tipo de pensamento. Kafka tem sido associado ao absurdo e ao fantástico, o que se compreende, se pensarmos nas premissas de vários dos seus escritos: um macaco que faz o relato da sua vida diante de um público académico; um povo de ratos que venera um dos seus membros como cantora exímia, não sendo certo que ela cante sequer; um estranho animal que é meio cordeiro, meio gato; um artista da fome; para não falar da famosíssima metamorfose de Gregor Samsa num monstruoso insecto. No entanto, a associação é redutora, pois, uma vez estabelecidas as premissas, o seu desenvolvimento é um exercício de razão pura, de «lógica adamantina», na expressão de Ozick, segundo a qual «a típica figura kafkiana tem a força cognitiva de um mestre de xadrez»³.

Muitos dos textos de Kafka assumem assim a forma de investigações (por exemplo, «A Construção da Muralha da China», «Josefine, a Cantora» ou, como o título indica, as «Investigações de Um Cão»), cheias de hipóteses lógicas, de explicações, de argumentos seguidos de contra-argumentos seguidos de contra-contra-argumentos. Longe de tender para o absurdo, Kafka parece ser o último iluminista, um crente obstinado na razão, uma mente filosófica cujos primeiros impulsos são a análise e a argumentação — segundo Walter Benjamin, os seus escritos são «lendas para mentes dialécticas»⁴. É por isso que associar o termo «kafkiano» ao incompreensível, ao ilógico ou ao surreal não faz justiça ao espírito da obra. Se o adjetivo ganhou o poder explicativo que ganhou — como mostra o seu uso para qualificar burocracias, sentidos de humor, sistemas políticos ou escritores —, é antes por recriar o embate da razão na ausência de sentido.

A este propósito, há uma frase iluminadora na *Carta ao Pai*: «Tornaste-te para mim o enigma que são todos os tiranos cujo direito se funda na sua pessoa e não no pensamento.»⁵ O pensamento surge como o fundamento natural do direito, ou seja,

da justiça. Por conseguinte, a tirania representa um enigma, uma ausência de sentido, pois o seu direito funda-se em si mesma, no ego, desprezando o terreno comum da razão, da verdade e dos factos. Kafka, pelo contrário, foi eternamente o filho que acreditou que o pai mudaria se ao menos conseguisse apresentar-lhe explicações cabais, provas indesmentíveis, argumentos insofismáveis. E é essa mesma tenacidade da razão que anima muitas das suas personagens.

Mas Kafka não acredita na razão por ela ser eficaz — conhece por experiência própria, nos sucessivos embates com o pai, os limites da sua eficácia. O exercício da razão é, para ele, um exercício da falha da razão. Acredita nela porque a alternativa ao uso da razão é o uso desalmado do poder, e essa alternativa é, para alguém como Kafka, constitutivamente impossível.

Um jantar em casa da família Kafka

Outro traço distintivo da escrita de Kafka, em particular dos contos, é o protagonismo dos animais. Isto está longe de ser inédito na literatura — basta pensar nas *Fábulas* de Esopo —, mas continua a ser raro o suficiente para merecer indagação. Este protagonismo resulta de um interesse muito pessoal. Desde logo, o apelido Kafka deriva da palavra checa para gralha, *kavka*, pássaro que, empoleirado num ramo, encimava o logótipo da loja de artigos de luxo do pai, Hermann, no centro de Praga. Mas não é isso que explica o interesse. Mais elucidativa foi a decisão, a certa altura da sua vida, de se tornar vegetariano, por razões de saúde, mas sobretudo por razões éticas. Na biografia que escreveu sobre o amigo, Max Brod conta que, certo dia, ao ver peixes a nadar num aquário, Kafka comentou: «Agora já posso olhar-vos com sossego, já não vos como.»⁶

Esta decisão foi recebida pelo pai com profunda aversão, como de resto acontecia sempre que o filho deixava de ser uma

extensão da sua vontade. O pai, por sua vez, era filho de um talhante *kosher* — e em vários escritos de Kafka surge a faca de um talhante —, começara logo em criança a vender carne de porta em porta e comia vorazmente, carne e tudo o mais.

É tentador imaginar um jantar em casa da família Kafka, com o pai a comer tudo à pressa e em grandes garfadas, a insultar a cozinheira, a limpar os ouvidos com um palito⁷, enquanto o filho comia a sua frugal refeição vegetariana, mastigando a comida dezenas de vezes, para a liquefazer antes de a engolir, segundo o método de Fletcher, e ver nesse contraste um instantâneo das relações de poder, do antagonismo de visões do mundo, que Kafka elaborará numa espécie de tema e variações em muito do que escreveu.

Suplicando por terna piedade

A empatia pelos animais é um afecto complicado em sociedades onde se fala deles como pertencendo a uma categoria à parte que não nos inclui, ou seja, onde há uma amnésia induzida quanto à animalidade dos humanos. É mais ou menos disso que trata uma carta a Brod em que Kafka fala do passeio que dava com o seu cão, quando este começou a perseguir uma toupeira que tentava atravessar a estrada. De início, achou divertido observar a aflição desesperada e ineficaz da toupeira, que procurava um buraco por onde escapar na superfície dura da estrada. Mas depois, de repente, o cão deu-lhe mais uma patada e ela começou a gritar: *kss, kss*. Nesse dia, Kafka, de tão cabisbaixo, teve a sensação de que o queixo lhe crescia peito adentro e filosofou: «Cavamos dentro de nós como uma toupeira e saímos, enegrecidos e de pêlo aveludado, dos nossos túneis de areia derruídos, com as nossas pobres patinhas vermelhas erguidas ao alto suplicando por terna piedade.»⁸

O problema humano, segundo Kafka, é que podemos sair à rua num dia como outro qualquer e, perante o sofrimento de

um animal, imaginarmo-nos deuses, equânimes e até divertidos, porque invulneráveis, para logo a seguir sentirmos até aos ossos que não passamos de toupeiras glorificadas, tão à mercê e tão precisados de terna piedade como todas as criaturas vivas.⁹ É-se meio presa, meio predador, como o animal singular, meio gato, meio cordeiro, do conto «Um Cruzamento», que não cabe na própria pele e que talvez só encontre alívio na faca do talhante.

Esta percepção será elaborada numa outra carta, desta vez a Felice Bauer, mulher de quem esteve noivo por duas vezes e com quem nunca chegou a casar. Nela, Kafka interpreta um sonho de Felice: «Se não te tivesses deitado no chão entre os animais, também não terias podido ver o céu nem as estrelas, e não terias sido redimida. Talvez não tivesses sobrevivido ao medo de andar direita. Comigo é igual; sonhaste um sonho comum por nós os dois.»¹⁰ Não sabemos qual foi o sonho de Felice, pois as suas cartas não chegaram até nós, mas podemos reconhecer, aqui como atrás, o sentimento de comunalidade com os animais ditos irracionais e o medo, possivelmente fatal, que acompanha a frágil superioridade de caminhar sobre duas em vez de sobre quatro patas.

É surpreendente verificar a semelhança de raciocínio entre esta passagem e a descrição que o compositor e contrabaixista Charles Mingus fez do seu tema «*Pithecanthropus Erectus*», no álbum epónimo de 1956: «Esta composição [...] descreve musicalmente a minha concepção da contraparte moderna ao primeiro homem que caminhou direito — como ele se sentiu orgulhoso, considerando-se o “primeiro” a erguer-se das quatro patas, como bateu no peito e pregou a sua superioridade sobre os animais ainda quadrúpedes. A transbordar de auto-estima, sai para conquistar o mundo, ou mesmo o universo, mas falha em perceber a inevitável emancipação daqueles que escraviza e tenta gananciosamente sustentar-se numa falsa segurança, e isso não só lhe nega o direito de alguma vez ser um homem, como no fim acabará por o destruir completamente.»¹¹

Para ambos os artistas, a violência do nosso mundo, a sanha dominadora, a opressão em que vive grande parte dos animais humanos e não humanos devem-se a este primeiro acto de diferenciação do humano, que não é essencialmente uma nova forma de locomoção (nem uma outra qualidade positiva, como a racionalidade ou o uso da linguagem), mas a assunção de uma superioridade. A definição do que é humano assentaria assim na inferiorização do que é definido, explícita ou implicitamente, como não humano ou como sub-humano, uma categoria flutuante que tem abrangido animais, judeus, negros, mulheres, entre outros. Daqui sobrevém um paradoxo: a definição do que é humano tem sido usada ao longo dos tempos para justificar a violência exercida sobre quem é excluído dela, fazendo com que ninguém consiga ser mais desumano do que um ser humano. Assim reformulada, a qualidade definidora do humano é a sua desumanidade.

Foi assim que Kafka deixou de ser humano

Um bom exemplo deste paradoxo é dado pela Firma Hagenbeck, que, no «Relato para Uma Academia», capturou e amestrou o macaco *Rotpeter*, que haveria de se transformar em humano para poder sobreviver. Diz *Rotpeter*: «Estava cercado. Se me tivessem pregado as patas, a minha liberdade de movimentos não teria sido menor. [...] Não tinha saída mas tinha de encontrar uma, porque sem ela não podia viver. Sempre de frente para o caixote — forçosamente morreria. Mas para a Firma Hagenbeck o lugar de um macaco é de frente para um caixote — pois bem, foi assim que deixei de ser macaco.»¹²

Esta firma existiu de facto, foi fundada pelo alemão Gottfried Hagenbeck em meados do século XIX e expandiu-se internacionalmente quando passou para as mãos do filho, Carl. Sob a direcção deste, a firma fez várias expedições anuais ao continente africano e depois ao mundo inteiro. Os animais selvagens capturados

eram vendidos ou exibidos. Carl Hagenbeck inventou os jardins zoológicos sem jaulas, de que é exemplo o Jardim Zoológico Hagenbeck, que ainda hoje pode ser visitado em Hamburgo. Em 1887 criou também o Circo Internacional Carl Hagenbeck.

A parte mais lucrativa do seu negócio, porém, consistia na exibição de pessoas de povos ditos exóticos, também elas capturadas nas expedições. Essas exposições, a despeito da sua flagrante violência, eram consideradas progressistas à época, já que tiravam os «selvagens» das barracas das feiras e os levavam para instituições científicas, como os jardins zoológicos. Grande parte das pessoas assim capturadas e exibidas morria passado pouco tempo. Não obstante, os chamados jardins zoológicos humanos foram muito populares até aos anos 1930, na Europa, na América do Norte e no Japão, e receberam milhões de visitantes.

Se *Rotpeter* se tornou humano porque só assim podia sobreviver, Kafka, numa metamorfose inversa, transformou-se em diferentes animais para escapar a este «humanismo». Citando Elias Canetti: «Porque abominava a violência mas não acreditava ter a força necessária para a combater, Kafka aumentou a distância entre a entidade mais forte e ele próprio, diminuindo-se cada vez mais em relação a ela. Esta redução trouxe-lhe duas vantagens: escapou à ameaça tornando-se cada vez mais pequeno e libertou-se de todos os meios excepcionais de violência; os animais pequenos em que gostava de se transformar eram inofensivos.»¹³

No «Relato para Uma Academia», a direcção do olhar inverte-se e já não são os humanos a observar os animais num jardim zoológico, num circo, numa feira ou em sua própria casa, mas um macaco a observar os humanos. Sem grande surpresa, a impressão que tem deles está longe de ser lisonjeira: «Era tão fácil imitá-los. Logo nos primeiros dias já sabia cuspir. Começámos então a cuspir na cara uns dos outros; a única diferença era que eu depois limpava a cara, e eles não.»¹⁴ A metamorfose de *Rotpeter* de macaco em humano não lhe mudou o corpo, que continuou coberto de pêlo e provido de cauda. A sua humanização deu-se por via da

educação: «Graças a um esforço como o mundo nunca viu, adquiri a educação de um europeu médio. Só por si, talvez isso não seja nada, mas tem valor na medida em que me ajudou a sair da jaula e a encontrar esta saída em particular, a saída humana.»¹⁵

Não por acaso, foi também esta a saída escolhida por Paul B. Preciado, filósofo e ativista trans, no seu livro *Yo soy el monstruo que os habla*, baseado numa conferência que proferiu em 2019 na École de la Cause Freudienne, em Paris, diante uma plateia de 3500 psicanalistas. Diz Preciado: «Pois bem, como no circo do regime binário heteropatriarcal às mulheres corresponde o papel da bela e da vítima, e como eu não era nem me sentia capaz de ser uma coisa ou outra, deixei de ser mulher.»¹⁶ À semelhança de *Rotpeter*, uma das maiores dificuldades da sua metamorfose foi vencer a repugnância: «Nada foi para mim mais difícil do que acostumar-me ao fedor e à sujidade das casas de banho dos homens. O cheiro, os jactos de urina distribuídos de igual maneira dentro e fora das retretes eram um martírio, e, apesar das minhas boas intenções, passaram-se semanas até conseguir vencer essa repulsa.»¹⁷

Preciado faz uso deste conto de Kafka porque tanto ele como *Rotpeter* tiveram de aprender a língua de quem os capturou e enfiou numa jaula, literal ou simbólica, para que servissem como entretenimento ou alvo social ou ambos. Este auto-amestramento é, por um lado, a única possibilidade de sobrevivência num ambiente extremamente hostil e, por outro, implica a interiorização do captor, tornando-se o capturado a um tempo vítima e carrasco de si mesmo.¹⁸

Animais entalados

Este raciocínio permite compreender a interpretação de Max Brod, segundo a qual o «Relato para Uma Academia» é uma sátira à assimilação dos judeus, uma interpretação corroborada pelo

facto de este conto, juntamente com «Chacais e Árabes»¹⁹, ter sido publicado na revista *Der Jude*, fundada pelo filósofo e teólogo judeu Martin Buber, que só publicava textos de temática judaica. Embora a caracterização como sátira não seja para mim evidente, a problemática da assimilação, sim.

A este respeito, é iluminador ler a metamorfose de um macaco em ser humano a par da outra, mais famosa, de um humano em «monstruoso insecto». Quando abrimos a *Metamorfose*, a transformação de Gregor Samsa já aconteceu e só o conhecemos como insecto. A metamorfose a que de facto assistimos como leitores é outra, não tão dramática mas igualmente radical. Refiro-me à metamorfose da família, que, constatando a transformação do filho e irmão, se transforma também ela. Se a metamorfose de Gregor é física, a da família é moral. A sua fraqueza e dependência do filho cede lugar a uma nova vitalidade impossível de dissociar do modo cada vez mais cruel com que trata o insecto até ele morrer. O *pathos* trágico advém do contraste entre a desumanidade da família na sua relação com o filho e irmão e a maneira como o insecto continua a pensar e a sentir como um humano até ao fim.

Já muito se escreveu sobre o modo como a palavra que Kafka escolheu para qualificar Gregor Samsa depois da sua metamorfose, *Ungeziefer*, foi usada mais tarde pelos nazis para designar colectiva e pejorativamente os judeus. E qualquer leitor de Kafka deverá ter presente que os seus escritos foram lidos como testemunhos ou descrições insuperáveis dos regimes de terror do século xx pelos próprios sobreviventes desses regimes de terror. Por exemplo, Primo Levi, escritor que sobreviveu ao Holocausto, disse acerca d'O *Processo*, que traduziu para a editora Einaudi a convite de Italo Calvino: «É um livro patogénico. Senti-me agredido por ele. [...] As minhas defesas ruíram ao traduzi-lo.»²⁰ Com efeito, a tradução fê-lo cair numa depressão de que já não saiu e que o levou ao suicídio alguns anos mais tarde.²¹ E vários leitores de Kafka sob o regime de Estaline, que o leram clandestinamente em

samizdats, acreditaram tratar-se de um autor soviético dissidente a escrever sob pseudónimo. Até o crítico literário marxista György Lukács, que verberara as «abstracções decadentes e irrealistas» de Kafka, exclamou, ao ser detido pelos soviéticos após a Revolução Húngara: «Afinal, Kafka era um realista.»²²

Kafka, na verdade, só se tornou mundialmente famoso depois da Segunda Guerra Mundial. Em tempo de vida, e após a sua morte em 1924, era conhecido apenas em pequenos círculos vanguardistas. E a sua fama deveu-se muito às afinidades que os leitores do pós-guerra sentiram entre as suas vidas em regimes totalitários e aquele mundo ficcional.

Não obstante, vale a pena notar que Kafka nos indica a origem do termo na *Carta ao Pai*. Nela ficamos a saber que a palavra *Ungeziefer* foi usada pelo pai, Hermann Kafka, como insulto a Isaac Löwy, um actor iídiche polaco cuja trupe se estabeleceu em Praga entre 1911 e 1912, altura em que Kafka travou com ele uma amizade de admiração mútua, tendo chegado a escrever e a proferir em público uma «Conferência sobre a Língua Iídiche». No final da *Carta*, Kafka, implacavelmente autodestrutivo, vira esse insulto contra si mesmo. Dada a origem do termo, somos levados a constatar que o insulto desumanizador, que os nazis usaram mais tarde, começou por ser um insulto proferido por um judeu ocidental (e assimilado) contra um judeu oriental, que manteve as suas tradições, religião e língua, assumindo inclusive o papel de as divulgar. A novela *A Metamorfose* seria assim a literalização deste insulto: se alguém se transformasse de facto num insecto parasita, o que aconteceria então?

Numa carta a Brod de Junho de 1921, Kafka compara os escritores judeus de língua alemã, nos quais decerto se incluía, a animais entalados. Os animais não são especificados, mas as patas que se colam sugerem insectos: «[...] com as patinhas de trás ainda estavam colados ao judaísmo do pai e com as patinhas da frente não encontravam novo chão. O desespero daí resultante era a sua inspiração».²³

Josefine, a Cantora ou O Povo dos Ratos
e Outros Contos

A Construção da Muralha da China

A muralha da China foi concluída no seu ponto mais a norte. A construção começou por estender-se desde sudeste e sudoeste e foi aqui unida. Este sistema de construção por partes foi também seguido em menor escala no interior dos dois grandes contingentes de trabalhadores, o contingente oriental e o contingente ocidental. Eis como sucedeu: foram formados grupos de mais ou menos vinte trabalhadores que tinham de erigir uma parte da muralha com cerca de quinhentos metros, um grupo vizinho construía depois uma outra parte com o mesmo comprimento que se encontraria com aquela. Feita a união, contudo, a construção não recomeçava no final desses mil metros, os grupos de trabalhadores eram antes enviados para regiões muito diferentes. Surgiram deste modo, como é natural, enormes lacunas que só aos poucos e lentamente foram preenchidas, algumas mesmo só depois de se ter declarado a construção da muralha como terminada. Sim, deve haver lacunas que nunca sequer foram preenchidas, dizem alguns que elas são maiores do que as partes construídas, uma opinião, contudo, que provavelmente é apenas parte das muitas lendas que nasceram em torno da construção e cuja verdade, tendo em conta a extensão da obra, ninguém poderá verificar, pelo menos com os seus próprios olhos e critérios. Ora, poderá à partida parecer que teria sido mais proveitoso construir de modo continuado, ou pelo menos de modo continuado no interior das duas secções principais.

Afinal, como por toda a parte foi anunciado e é conhecido, a muralha foi pensada como proteção contra os povos do Norte. Mas como pode proteger uma muralha que não é uma estrutura contínua? Uma muralha assim não só não pode proteger, como a própria obra está em constante perigo. Estas partes da muralha, erigidas e abandonadas em regiões desertas, podem sempre muito facilmente ser destruídas pelos nómadas, tanto mais que estes, a princípio assustados com a construção da muralha, haviam mudado de poiso com uma rapidez incompreensível, como gafanhotos, e talvez tivessem agora uma melhor visão de conjunto sobre o progresso da obra, como nós próprios, que a construíamos, não tínhamos. E, no entanto, a construção não poderia ter decorrido de outra maneira. Para o entender, é necessário não perder de vista o seguinte: a muralha deveria oferecer proteção para todos os séculos, e assim um cuidado extremo na construção, o recurso ao conhecimento especializado de todos os tempos e povos conhecidos, um sentimento continuado de responsabilidade pessoal por parte dos operários, eram requisitos incontornáveis para os trabalhos. É verdade que para os trabalhos menores podiam ser usados jornaleiros sem qualificações, homens, mulheres e crianças do povo, quem quer que se oferecesse por algum dinheiro, mas já para liderar quatro jornaleiros era necessário um homem versado em engenharia, um homem capaz de sentir nos lugares mais recônditos do coração uma afinidade com esta empresa. E quanto mais alto o cargo, tanto maiores as exigências, é claro. E, com efeito, não era impossível encontrar estes homens, e se não eram tantos quanto se esperaria para esta obra, eram ainda assim em número suficiente. Não foi de ânimo leve que se deu início à construção. Já meio século antes, por toda a China, que em breve seria rodeada pela muralha, a engenharia fora declarada a ciência mais importante, e a alvenaria em particular, tudo o resto sendo admitido apenas na medida em que estivesse relacionado. Lembro-me ainda bem como nós, crianças pequenas e de pernas bambas, tivemos um dia de construir com seixos uma espécie de

muro no jardim do nosso professor, como ele arregaçou o saio, correu contra o muro, deitou tudo abaixo, como seria de esperar, e nos ralhou pela mediocridade do nosso esforço tão severamente que nós fugimos a chorar para junto dos nossos pais. Um episódio insignificante, mas revelador do espírito do tempo. Tive a sorte de aos vinte anos, concluído o exame final da escola geral, a construção da muralha ter apenas começado. Falo de sorte porque muitos alcançavam demasiado cedo o grau mais elevado de formação que lhes era acessível, e por anos a fio não sabiam o que fazer com o que haviam aprendido, vagueavam sem préstimo, trazendo na cabeça grandiosos planos de construção, e iam perdendo o ânimo aos milhares. Mas aqueles que por fim eram contratados como capatazes, mesmo que fosse na categoria mais baixa, eram sem dúvida dignos do cargo, eram homens que haviam refletido muito sobre a obra e que nunca paravam de refletir, homens que, com a primeira pedra que lançavam à terra, sentiam que era a própria muralha que crescia. Estes homens eram impelidos pela ânsia de prestarem um trabalho consciencioso, é claro, mas também pela impaciência de ver por fim surgir a construção no seu todo. Ao operário era estranha esta impaciência, só a jorna o impelia, também os responsáveis mais altos, e mesmo os de um escalão médio, viam do crescimento disperso da construção o suficiente para assim se manterem fortes em espírito, mas para os homens dos escalões baixos, que em espírito estavam muito acima das suas tarefas aparentemente menores, era necessário tomar outras medidas. Não podiam por exemplo ser levados para uma região montanhosa e despovoada, a centenas de milhares de milhas das suas casas, e deixados a pôr pedra em cima de pedra por meses ou mesmo anos a fio; a desesperança de um trabalho que era feroz mas de que mesmo uma longa vida humana não conheceria o fim tê-los-ia enlouquecido e sobretudo deixado incapacitados para o trabalho. Por esta razão, escolheu-se o sistema de construção por partes, uma muralha de quinhentos metros podia ser concluída em cerca de cinco anos, os capatazes estavam então,

por regra, esgotados até à morte, tinham perdido a confiança em si mesmos, na construção, no mundo, mas enquanto viviam ainda o entusiasmo da festa de união da muralha de mil metros eram enviados para longe, para muito longe, durante a viagem viam erguer-se aqui e ali troços inteiros da muralha, passavam pelos quartéis dos superiores que os condecoravam, ouviam o júbilo dos novos contingentes de trabalhadores que como rios emergiam da terra profunda, viam florestas serem abatidas para delas se fazer os andaimes da muralha, viam montanhas serem britadas para delas se fazer as pedras da muralha, nos lugares sagrados ouviam os cânticos dos homens santos que imploravam pela conclusão da obra, tudo isto lhes domava a impaciência, a vida tranquila das suas terras onde passavam algum tempo trazia-lhes novas forças, a consideração que era devida a todos os operários, a humildade fervorosa com que as suas histórias eram escutadas, a confiança que o homem simples e silencioso depositava na conclusão atempada da muralha, tudo isto esticava as cordas da alma, despediam-se das suas terras com a esperança eterna das crianças, a vontade de regressar à obra do povo era irresistível, partiam de casa mais cedo do que teria sido necessário, a aldeia em peso acompanhava-os por grande parte do caminho, por todas as estradas, saudações, estandartes e bandeiras, nunca antes haviam visto como o seu país era grande e rico e belo e digno de ser amado, cada compatriota era um irmão para quem se construía a muralha protetora e que por toda a sua vida agradeceria com tudo o que tinha e era, Unidade! Unidade!, peito contra peito, uma roda do povo, o sangue que já não circulava preso nas veias apertadas do corpo, mas que brotava docemente por toda a China sem fim e sempre regressava.

Assim se compreende o sistema de construção por partes, mas havia ainda outras razões. Também não é de estranhar que eu me detenha tanto tempo em torno desta questão; por supérflua que à partida pareça, é uma questão crucial de toda a construção da muralha. Quem como eu queira transmitir e tornar inteligíveis

o raciocínio e as experiências daquele tempo não pode sublinhar esta questão em demasia.

Em primeiro lugar é preciso dizer que foram então feitos esforços que em pouco ficavam atrás da construção da Torre de Babel, mas que em devoção a Deus, pelo menos de acordo com as contas humanas, representavam o exato oposto daquela obra. Menciono isto porque nos primeiros tempos da construção um acadêmico escreveu um livro onde estabeleceu este paralelo com muita precisão. Procurava aí demonstrar que a construção da Torre de Babel havia falhado o seu objetivo, ainda que não pelas causas geralmente apontadas, ou pelo menos que por entre estas causas conhecidas não se encontravam as verdadeiras responsáveis. As suas provas não se limitavam a documentos e relatos, dizia ainda ter levado a cabo investigações no local e assim descoberto que a construção soçobrara, e que necessariamente soçobraría, pela pouca solidez das fundações. A este respeito, contudo, o nosso tempo estava muito à frente daqueles tempos remotos, quase todos os contemporâneos educados eram pedreiros de ofício e irrepreensíveis na questão das fundações. Mas não era este o alvo do acadêmico, na sua opinião só uma grande muralha poderia constituir, pela primeira vez na História da humanidade, uma fundação segura para uma nova Torre de Babel. Assim, primeiro a muralha e depois a torre. O livro circulava então de mão em mão, mas confesso que ainda hoje não percebo bem como concebia ele esta construção da torre. A muralha, que afinal não formava um círculo, mas apenas um quarto ou um semicírculo, havia de ser a fundação de uma torre? Só se entendida num sentido espiritual. Mas, nesse caso, para quê a muralha, que afinal era uma coisa real, o resultado do esforço e da vida de centenas de milhares de pessoas? E porque eram desenhados planos, planos bastante nebulosos, para a construção da torre, e eram feitas propostas para a coordenação vigorosa da força de trabalho a ser empregue na nova obra futura? Reinava naquele tempo — e este livro é apenas um exemplo — uma grande confusão, talvez porque

muitos tentavam reunir-se o mais possível em torno de um único objetivo. O homem, frívolo nos seus fundamentos, da natureza do pó que voa, não suporta nenhum grilhão, se a si mesmo se agrida, em breve sacode como louco as correntes, e rasga a muralha, os grilhões e a si mesmo em todas as direções do céu.

É possível que estas considerações, contrárias à construção da própria muralha, não tenham sido ignoradas pela superintendência quando se decidiu pela construção por partes. A verdade é que nós — e falo aqui em nome de muitos — só ao aprender a letra dos decretos da superintendência começávamos a conhecer-nos a nós próprios, e víamos que, se não fosse pela superintendência, nem a nossa formação nem o nosso entendimento teriam sido suficientes mesmo para a pequena parte que nos cabia dentro do todo. Nos aposentos da superintendência — onde eram e quem lá estava não sabe nem sabia ninguém a quem perguntei —, nestes aposentos circulavam todos os pensamentos e desejos humanos, e no sentido contrário todos os desígnios e realizações humanas; mas sobre as mãos da superintendência que desenhavam os planos caía pela janela o reflexo de mundos divinos.

E é por esta razão que um observador isento não pode admitir que a superintendência, se o tivesse querido seriamente, não pudesse superar as dificuldades que se opunham à construção continuada da muralha. Resta assim concluir que a superintendência conscientemente quis a construção por partes. Mas a construção por partes era apenas um recurso de emergência e além disso contraproducente. Resta concluir que a superintendência optou por um projeto contraproducente. Conclusão surpreendente, sem dúvida. Por outro lado, contudo, tem alguma justificação. Naquele tempo, muitos se guiavam, e até mesmo os melhores, por um princípio secreto: procura compreender com todas as tuas forças os decretos da superintendência, mas apenas até certo limite, depois pára de pensar. Um princípio muito assisado e que de resto se evidenciava numa comparação mais tarde muitas vezes repetida: pára de pensar, mas não porque te possa fazer mal, não é

de todo seguro que te faça mal. Não se pode aqui falar de fazer mal ou de não fazer mal. Serás como o rio na primavera. O rio cresce, ganha imponência, alimenta com mais força a terra ao longo das margens compridas, conserva o seu próprio ser até entrar no mar, o mar dá-lhe as boas-vindas, tornam-se iguais. Pensa nos decretos da superintendência até este limite. Mas depois o rio transborda das margens, perde os contornos e a forma, percorre cada vez mais devagar o seu caminho em frente, contra a sua natureza tenta criar pequenos mares em terra, destrói os campos, mas não consegue manter-se muito tempo assim disperso, corre de novo para dentro das suas margens, e na estação quente que se aproxima seca miseravelmente. Não penses nos decretos da superintendência até este limite.

Ora, durante a construção da muralha esta comparação terá tido a sua justeza, mas para a presente relação não tem aplicação. A minha investigação é apenas histórica, as nuvens de tempestade há já muito que se dissiparam e delas não caem relâmpagos, e tenho assim de procurar uma explicação para a construção por partes que vá mais além daquela com que antes os homens se contentavam. São estreitos os limites que o meu entendimento me impõe, mas o território que aqui percorro é o infinito.

Contra quem nos deveria proteger a grande muralha? Contra os povos do Norte. Eu sou do Sudeste da China. Nenhum povo do Norte nos pode ameaçar. Lemos sobre eles nos livros dos antigos, as crueldades que está na sua natureza cometer fazem-nos gemer sob o sereno caramanchão, nos quadros realistas dos artistas vemos estes rostos condenados, as bocas arreganhadas, as queixadas com dentes afiadíssimos, os olhos rasgados que parecem cobiçar a presa que com o focinho rasgarão e devorarão. Se as crianças se portam mal, mostramos-lhes estas imagens e logo elas se abraçam ao nosso pescoço entre lágrimas e soluços. Mas não sabemos mais nada sobre estes povos do Norte, ver nunca os vimos, e se ficarmos sempre na nossa aldeia, nunca os veremos, mesmo que, montados nos seus cavalos selvagens, nos queiram

acossar e perseguir; é demasiado grande o nosso país, e não deixará que cheguem até nós, correrão sem rumo no ar vazio.

Se assim é, porque deixamos nós a nossa aldeia, o rio e as pontes, a mãe e o pai, a mulher que chora, os filhos que temos de educar, e vamos para uma escola numa cidade longínqua e os nossos pensamentos vão para mais longe ainda, para norte, para junto da muralha. Porquê? Pergunta à superintendência. Ela conhece-nos. Ela, por entre os seus muitos cuidados, sabe de nós, conhece o nosso pequeno ofício, vê-nos juntos sentados nas cabanas pobres, e a oração que o pai de família diz à noite entre os seus agrada-lhe ou não lhe agrada. E, se me posso permitir um pensamento assim sobre a superintendência, então devo dizer que na minha opinião a superintendência já existia há muito tempo, não surgiu por certos mandarins, animados por um belo sonho matutino, terem convocado à pressa uma reunião que à pressa concluíram, e depois à noite terem tirado as gentes da cama ao som de tambores para levarem a cabo as resoluções, mesmo que fosse apenas para organizar um fogo de artifício em honra de um deus, que ontem se lhes mostrara benévolo e que amanhã, mal os foguetes se extinguam, os espancará num canto escuro. Não, bem mais certo é que a superintendência existisse antes, e a decisão de construir a muralha também.

Dediquei-me quase por inteiro, em parte já durante a construção da muralha e posteriormente até hoje, à História comparada dos povos — só podemos chegar ao nervo de certas questões por este meio — e descobri que nós, chineses, temos certas instituições populares e estatais de uma clareza peculiar e outras de uma falta de clareza peculiar. Sempre me atraiu a ideia de seguir o rasto das razões, em particular, do último fenómeno, atraindo-me ainda hoje, e a construção da muralha está também essencialmente ligada a estas questões.

Ora, entre as nossas instituições menos claras encontra-se precisamente o império. Em Pequim, é claro, na sociedade da corte subsiste alguma clareza, ainda que esta seja mais aparente

do que real; também os professores de Direito Público e de História afirmam terem sido educados com grande exatidão nestas matérias e poderem transmitir esse conhecimento aos seus alunos; e quanto mais se desce até às escolas inferiores, tanto mais sensivelmente desaparecem as dúvidas sobre o saber próprio, uma educação incompleta navega em ondas altas como montanhas em torno de uns poucos dogmas fincados há séculos, que nada perderam em verdade eterna mas que por entre este fumo e neblina permanecem também eternamente desconhecidos.

No que respeita ao império, os primeiros a serem consultados deveriam ser, na minha opinião, os homens do povo, já que são estes os seus últimos defensores. Aqui, mais uma vez, só posso falar da minha própria aldeia. A par com os deuses da terra e com o culto tão variado e compensador que lhes prestávamos ao longo do ano inteiro, o nosso pensamento dirigia-se apenas ao imperador. Mas não ao imperador atual, ou antes, ter-se-ia dirigido ao imperador atual se o tivéssemos conhecido ou pelo menos sabido dele qualquer coisa determinada. Procurávamos sempre, é claro — era a nossa única curiosidade —, obter informações. Mas — por estranho que pareça — era quase impossível saber alguma coisa, fosse pelo peregrino que cruzava terras sem fim, fosse pelas aldeias mais próximas ou mais distantes, fosse pelos marinheiros que navegavam não só no nosso pequeno ribeiro, mas mesmo nos rios sagrados. Ouvíamos dizer muito, mas do muito nada podíamos tirar. É tão grande o nosso país, nenhuma lenda abarca a sua grandeza, o céu quase não chega para o cobrir. E Pequim é um ponto apenas, e o palácio imperial um ponto mais pequeno ainda. O imperador, como tal, é grande ao longo de todas as hierarquias do mundo. O imperador vivo, porém, é um homem como nós, como nós está deitado na sua cama, uma cama ricamente ornamentada, mas também estreita e pequena em comparação com as demais. Como nós, estende por vezes os braços e as pernas, e, quando está muito cansado, a boca tenuemente desenhada abre-se num bocejo. E como havíamos nós de o saber, a milhares de milhas

de distância no Sul, já quase na fronteira com as terras altas do Tibete? Além disso, todas as notícias, mesmo se chegavam até nós, vinham já demasiado tarde, quando eram já caducas. Em torno do imperador gira a massa brilhante e no entanto obscura da sociedade da corte, o contrapeso do império, que tenta sempre atingi-lo com setas envenenadas. O império é imortal, mas cada imperador, um a um, cai e é destronado, dinastias inteiras acabam por se afundar e morrer asfixiadas com um único estertor. Destas lutas e destes sofrimentos o povo nada saberá, como quem chega demasiado tarde, como estrangeiros na cidade, comem tranquilamente as suas merendas bem no fundo das ruelas laterais apinhadas de gente, enquanto muito à frente, no centro da praça do mercado, decorre a execução do seu soberano.

Há uma lenda que dá bem conta destas circunstâncias. O imperador, diz a lenda, enviou precisamente a ti, um súbdito miserável, uma sombra ínfima que fugiu do sol imperial para a distância mais longínqua, precisamente a ti o imperador no leito da morte enviou uma mensagem. Ordenou ao mensageiro que se ajoelhasse junto à cama e sussurrou-lhe a mensagem; tanto dependia dela que pediu ao mensageiro que lha repetisse ao ouvido. Com um aceno da cabeça confirmou a sua correção. E perante os espectadores da sua morte — todas as paredes em redor são demolidas e sobre as largas escadarias que se estendem em altura estão em círculo os dignitários do reino —, perante todos deu ordem de partida ao mensageiro. O mensageiro pôs-se logo a caminho, um homem robusto e infatigável que, como um nadador, agora estendendo um braço agora estendendo o outro, abre caminho por entre a multidão, quando encontra um obstáculo aponta para o peito onde traz o símbolo do Sol, e assim avança facilmente, como nenhum outro. Mas é demasiado grande a multidão, as suas moradas não têm fim, se se visse em campo aberto, como então voaria, e logo ouvirias o som magnífico dos seus punhos que batem à tua porta. Mas, em vez disso, os seus esforços são em vão, ainda se debate ao longo dos aposentos do palácio interior, nunca sairá

deles, e se conseguisse, de nada serviria, teria ainda de atravessar os pátios e, depois dos pátios, o segundo palácio que circunda o primeiro, e outras escadarias e pátios, e de novo um palácio e assim por diante ao longo de milénios, e se por fim atravessasse o último portão — o que nunca, nunca poderá acontecer — teria ainda à sua frente a capital do império, o centro do mundo, cheia a transbordar dos seus próprios sedimentos. Ninguém a pode penetrar, nem mesmo quem traz a mensagem de um morto para um nada. Mas tu estás sentado à tua janela e sonhas com a mensagem enquanto a noite se aproxima.

É precisamente assim, com tanto desespero e esperança, que o nosso povo vê o imperador. Não sabe que imperador reina e subsistem dúvidas mesmo sobre o nome das dinastias. Na escola tudo é aprendido por ordem, mas é tão grande a incerteza geral a este respeito que mesmo o melhor aluno acaba por cair nela. Imperadores que morreram há muito tempo sobem agora ao trono nas nossas aldeias, e aquele que já só vive em canções promulgou recentemente um decreto que o sacerdote lê frente ao altar. As batalhas da nossa História mais antiga só agora são combatidas e, de rosto em fogo, um vizinho entra de rompante em tua casa com a notícia. As mulheres do imperador, um excesso de carne sobre os coxins de seda, desviadas dos costumes nobres por astutos eunucos, entumecidas pela avidez do poder, num sobressalto de cobiça, espaiadas em volúpia, praticam sempre os mesmos novos crimes; quanto mais tempo passou, tão mais terríveis brilham todas as cores, e com um grito agudo de dor a aldeia recebe a notícia da imperatriz que milhares de anos atrás bebeu em tragos lentos o sangue do seu marido.

Assim é a relação do povo com os imperadores do passado, mas mistura também os vivos com os mortos. Se à nossa aldeia, uma única vez na vida inteira de um homem, chega por acaso um oficial do império que viaja pela província, anuncia algumas exigências em nome do imperador regente, verifica as listas dos impostos, assiste às aulas na escola, interroga o sacerdote sobre

o que fizemos e resume depois tudo, antes de subir para a liteira, a longas admoestações ao povo que se reuniu na praça, então por todos os rostos perpassa um sorriso, um homem lança a outro um olhar furtivo, baixamo-nos à altura das crianças para não sermos vistos pelo oficial. Mas, pensamos nós, ele fala de um morto como se estivesse vivo, este imperador há já muito que morreu, a dinastia soçobrou, o oficial ri-se de nós, e fazemos que não notamos, para não o ofender. Mas só obedecemos seriamente ao nosso soberano presente, tudo o mais seria blasfêmia. E assim que a liteira do oficial se afasta veloz, de uma urna em ruínas eleva-se despoticamente uma figura que batendo o pé se proclama o novo senhor da aldeia.

Se destes fenómenos quiséssemos concluir que não existe de facto nenhum imperador, não estaríamos longe da verdade. Vejo-me sempre forçado a dizer: talvez não haja povo mais leal ao imperador do que o nosso povo do Sul, mas esta lealdade de nada serve ao imperador. É verdade que sobre as pequenas colunas à saída da aldeia o dragão sagrado, numa homenagem imemorial, lança fogo pelas narinas precisamente na direção de Pequim, mas, para as pessoas da aldeia, Pequim é bem mais insondável do que a vida depois da morte. Existirá realmente uma povoação que tenha casas e mais casas que cobrem campos, mais além ainda das nossas colinas que delimitam o horizonte, e que por entre as casas tenha gente e mais gente dia e noite? Mais fácil do que imaginar uma cidade assim seria acreditar que Pequim e o seu imperador fossem um só, como uma nuvem que com o passar do tempo mudasse placidamente de forma sob o sol.

A consequência destas considerações é uma vida em certa medida livre e sem lei. De modo algum desregrada, nas minhas viagens nunca encontrei costumes mais puros do que os da minha aldeia. Uma vida, ainda assim, que não se rege por nenhuma das leis presentes e que obedece apenas às ordens e advertências que nos chegaram dos tempos antigos.

Abstenho-me sempre de generalizar e não penso que seja assim em todas as dez mil aldeias da nossa província nem nas

quinhentas províncias da China. Mas, pelos muitos documentos que consultei sobre esta matéria e pelas minhas próprias observações — sobretudo durante a construção da muralha o material humano permitia ao homem sensível viajar pelas almas de quase todas as províncias —, por tudo isto posso talvez dizer que a concepção que reina sobre o império mostra sempre e em toda a parte um outro traço fundamental em comum com a concepção da minha aldeia. Não quero dar a ver esta concepção como uma virtude, pelo contrário. Ela é, no essencial, culpa da regência que até hoje, no reino mais antigo da Terra, não conseguiu — ou preteriu esta em função de outra questão — erigir a instituição do império com uma clareza que chegasse direta e continuamente às fronteiras mais distantes do reino. Por outro lado, porém, parece também haver aqui uma fraqueza na fé ou na imaginação do povo, que não consegue separar o império da cidade afundada de Pequim e puxá-lo com toda a sua vida e presença para os seus peitos de súbditos, que não querem mais do que sentir uma vez que seja esta comoção e nela se perder.

Uma virtude é o que esta concepção não é. É assim tanto mais notável que esta fraqueza pareça ser uma das mais importantes forças de coesão do nosso povo, sim, se não for ir longe demais, podemos mesmo dizer que este é o chão sobre o qual vivemos. Apontar aqui uma falha implica abalar, não as nossas consciências, mas, o que é muito pior, as nossas pernas. E é por esta razão que não quero ir mais longe na investigação desta questão.

Neste mundo corre agora a notícia da construção da muralha. Também ela chegou trinta anos depois do seu anúncio. Foi numa tarde de verão. Eu, então com dez anos, estava com o meu pai na margem do rio. Lembro-me ainda dos mais pequenos pormenores, tal era a importância desta hora tantas vezes conjurada. Ele segurava-me pela mão, coisa que mesmo em velho sempre gostou de fazer, enquanto a outra percorria o cachimbo longo e muito fino como se fosse uma flauta. A sua longa barba, rala e hirsuta, erguia-se no ar; enquanto saboreava o cachimbo, o seu olhar

dirigia-se acima do rio para o alto. E tanto mais caía a sua trança, objeto de reverência das crianças, que roçava ao de leve na seda bordada a ouro do traje festivo. À nossa frente parou então uma barca, o barqueiro acenou ao meu pai, ele que descesse o talude que o barqueiro subiria ao seu encontro. Encontraram-se a meio caminho, o barqueiro sussurrou alguma coisa ao ouvido do meu pai. Não percebi o que diziam, via apenas como o meu pai parecia não acreditar na notícia, o barqueiro tentava assegurar a sua verdade, o meu pai continuava a não poder acreditar, o barqueiro, com a paixão do povo marinheiro, quase arrancou a roupa do peito como prova da verdade, o meu pai ficou mais tranquilo e o barqueiro saltou ruidosamente para a barca e partiu. Pensativo, o meu pai voltou-se para mim, limpou o cachimbo e enfiou-o no cinto, afagou-me a face e puxou a minha cabeça para junto de si. Gostava muito quando ele o fazia, sentia-me sempre feliz, e assim regressámos para casa. As tigelas de arroz fumegavam já sobre a mesa, alguns convivas estavam reunidos, neste preciso momento servia-se vinho nos copos. Sem fazer caso disso, o meu pai deteve-se na soleira e começou a relatar o que ouvira. Já não tenho nenhuma lembrança exata das palavras, é claro, mas o seu sentido entrou por mim adentro tão profundamente — o carácter extraordinário das circunstâncias impunha-se mesmo a uma criança — que penso ser capaz de aqui o reproduzir aproximadamente. É o que agora farei, pois este sentido é muito revelador daquela conceção do povo. O meu pai disse então:

«São estreitos os limites que o meu
entendimento me impõe, mas o território
que aqui percorro é o infinito.»

Em contraste com uma Europa em acelerado estado de desintegração no início do século xx, Kafka erige um universo literário assente no humanismo e fundado na promessa da criação contra a destruição.

Nesta seleção de doze contos, escritos entre 1917 e 1924, o último poucos dias antes da sua morte, o escritor reflete sobre a violência dos homens, a arte, os animais, e outras metamorfoses incompletas. Submetendo uma linguagem pura e despojada a um dramático processo de observação do real, Kafka transforma o leitor ao dizer o indizível.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução e introdução de Isabel Castro Silva



Tower of Babel
(arenito), 2000

© Anne Desmet.
Todos os direitos
reservados 2026
Bridgeman Images
Fotobanco.pt

www.penguinlivros.pt

    [penguinlivros](https://www.penguinlivros.pt)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN: 978-989-589-957-9



9 789895 899579